

Quarenta Anos Depois de 126 Anos: Reflexões de um Negro Idoso em Sião¹

Marcus H. Martins, Ph.D.

Há cerca de cinco meses, participei de uma transmissão via satélite para educadores religiosos no histórico Tabernáculo da Praça do Templo, em Salt Lake City. Ao

olhar ao redor da congregação, composta por cerca de 3.000 pessoas, não pude deixar de notar que eu era a única pessoa negra na plateia. Claro, havia outro homem negro, membro do coral de 350 vozes, mas ele parecia bastante jovem, e por isso parecia que eu era a única pessoa negra naquela plateia que havia vivenciado quase 46 anos da história recente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

E lá estava eu, um rosto negro em um mar de rostos brancos. Alguns na plateia eram colegas, que me cumprimentaram cordialmente e com respeito. Alguns que haviam servido missões no Brasil ou no Havaí me cumprimentaram com abraços afetuosos. Um deles, o irmão Burnell Hunt, um senhor idoso que anos atrás serviu como missionário sênior com sua esposa em Laie, agora estava confinado a uma cadeira de rodas, mas insistiu em receber meu abraço, dizendo: “Quero um abraço seu!”

Ao refletir sobre essa experiência durante o longo voo de volta ao Havaí, ponderei sobre os tipos de vivências que tive em meus quase 46 anos como membro da Igreja e sobre os conhecimentos que adquiri a respeito das relações raciais em um ambiente religioso moldado por extraordinárias declarações de ministrações celestiais e orientação divina.

A maioria das minhas experiências sobre raça como membro da Igreja foram boas e inspiradoras, mas infelizmente, nem todas foram positivas, e muitos palestrantes nesta conferência nos lembraram e continuarão a nos lembrar disso, mostrando um dos desafios que ainda enfrentamos como povo.

Experiências com Raça na Sociedade e na Igreja

Minhas experiências com relações raciais na sociedade remontam a quase 60 anos, quando cresci no Rio de Janeiro, Brasil, nas décadas de 1960 e 1970. Seja no meu bairro ou na escola, sempre havia algumas outras crianças, colegas e professores que me tratavam com diferentes níveis de desprezo e desrespeito.

¹ Discurso apresentado na conferência “Negros, Brancos e Mórmons II: Uma Conferência sobre Raça na Igreja SUD desde a Revelação de 1978”, organizada pelo Centro de Humanidades Tanner da Universidade de Utah, em Salt Lake City, em 30 de junho de 2018. Esta versão contém algumas pequenas edições em comparação com o vídeo no YouTube: <https://youtu.be/M5c88p7tCxg> - Traduzido em dezembro de 2025

Felizmente, parece que no Brasil status ou classe social pode se sobrepor à raça, até certo ponto. Como meu pai era executivo na companhia petrolífera nacional, estávamos protegidos do tratamento ainda pior sofrido por muitos outros. É aqui que minhas experiências como negro no Brasil diferiram significativamente das de meus pares afro-americanos. Eu estava protegido das piores expressões de racismo — mas não de todas. Talvez o que meu pai me disse quando eu ainda era garoto seja emblemático disso. Em meados da década de 1960, após uma festividade com outros executivos, um de seus associados, embriagado, disse a ele: *"Helvécio, você é um negro, mas cheira bem"*.

Nosso ingresso—meus pais e eu—na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos



Dias em julho de 1972 nos colocou em uma situação nova e bastante peculiar. Fomos muito bem recebidos na Igreja. Lembro-me de que, mesmo durante os dois meses em que frequentávamos as reuniões como pesquisadores, os membros de nosso ramo — incluindo os jovens — vinham nos cumprimentar calorosamente quando chegávamos à capela. Contudo, por trás dessa genuína cordialidade, pairava o espectro do que chamo de “pseudodoutrinas” usadas para explicar a existência da proibição do sacerdócio.

Observando em retrospecto eu diria que a proibição em si não foi um grande problema para mim. Não me incomodava muito não poder receber o sacerdócio.

Embora tivesse apenas 13 anos, logo recebi um testemunho de que a mensagem e as doutrinas da restauração ensinadas pelos missionários de tempo integral eram verdadeiras, e decidi ser batizado antes mesmo que meus pais tivessem se decidido. E eu tinha muita fé de que, se guardasse os mandamentos, Deus um dia me recompensaria com um bom lugar no céu.

O que me incomodava um pouco naquela época eram aquelas “pseudodoutrinas” usadas para justificar a proibição. Eu havia crescido em uma família muito religiosa. Amava a Deus e sempre o reverenciei. Portanto, não fazia sentido para mim que alguém tão temente a Deus na Terra fosse menos fiel ou “menos valente” na presença de Deus no plano pré-mortal. No entanto, era isso que todos os membros da Igreja eram ensinados a acreditar como verdade, e eu compartilhava dessa crença.

No entanto, essas “pseudodoutrinas” tiveram um grande impacto em nossa vida religiosa. Elas abriram as portas para todo tipo de ideia que hoje podem soar terríveis.

Por exemplo, quando minha esposa, Mirian, e eu começamos a namorar em 1976, meu presidente de estaca expressou a preocupação de que, sem a perspectiva de me casar no templo, eu não teria chance de receber exaltação e, ao se casar comigo, Mirian perderia a dela. Quando ela terminou sua missão de tempo integral em 1978, na entrevista final, seu presidente de missão expressou sua preocupação de que, ao se casar comigo, ela se tornaria menos ativa na Igreja.



Não se enganem ... esses eram homens bons e, como líderes, faziam o melhor que podiam com as informações limitadas que tinham — muitas vezes, boatos. Mas ainda

Podemos dizer que os líderes que agiram dessa maneira estavam agindo de boa-fé — e eu diria que era boa-fé em uma doutrina ruim.

assim, alguém pode perguntar: como alguém pode dizer essas coisas a um jovem de 17 ou 21 anos que são membros fiéis da Igreja? Para colocar isso de forma mais amena, podemos dizer que os líderes que agiram dessa maneira estavam agindo de boa-fé — e eu diria que era boa-fé em uma doutrina ruim².

Confesso que meus sentimentos ainda estão incertos sobre isso. Aqui e ali, ouvimos testemunhos de pessoas que ouviram este ou aquele apóstolo declarar, no início da década de 1970, que não houve pessoas “menos valentes” no reino pré-mortal, etc. Ao que eu pergunto: *“Por que essas declarações não foram publicadas para toda a Igreja?”* Suponho que alguns possam ter argumentado que não estávamos preparados para ouvir essas coisas naquela época. Mas essa suposição é falha, porque essencialmente afirma que estávamos preparados para ouvir visões racistas disfarçadas de doutrina, mas não preparados para ouvir a doutrina pura.

Fico feliz que finalmente essas “pseudodoutrinas” tenham sido declaradas como sendo — na melhor das hipóteses — meramente o resultado de especulação sem fundamento, misturada com preconceitos sociais predominantes. Mas então, pergunto também: *“Por que foram necessários 35 anos após a Revelação de 1978 para que tal declaração fosse tornada pública?”*

Na minha opinião, essas antigas “pseudodoutrinas” ou justificativas para a proibição à ordenação de negros ao sacerdócio foram muito mais prejudiciais do que a própria proibição. Sua poderosa influência ainda persiste décadas após o fim da proibição.

² Embora essas ideias não fossem doutrinas verdadeiras, usei o termo “doutrina” aqui porque elas eram amplamente consideradas como tal, a ponto de serem incluídas na sétima lição ensinada por missionários de tempo integral antes de 1978.

Elas forneceram um conduíte claro pelo qual os preconceitos sociais predominantes puderam se infiltrar e contaminar a cultura do evangelho restaurado de Jesus Cristo.

A proibição do sacerdócio e as pseudodoutrinas a ela associadas efetivamente negaram as escrituras.

Escrituras e Crenças	As Negações da Proibição
“O filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho. ³ ”	Os negros africanos herdam a “Maldição de Caim”.
“O valor das almas é grande à vista de Deus ... ⁴ ”	Alguns são amaldiçoados.
“Prestar testemunho de meu nome e enviá-lo a todas as nações, tribos, línguas e povos. ⁵ ”	Não <u>todas</u> as nações
“[Levem] este ministério e Sacerdócio a todas as nações. ⁶ ”	Não <u>todas</u> as nações
“[Ele] convida todos a virem a ele e a participarem de sua bondade; e não repudia [ninguém ...] negro e branco ... e todos são iguais perante Deus ... ⁷ ”	Não totalmente iguais ...
O véu nos impede de recordar eventos da existência pré-mortal, e os profetas pouco ensinaram sobre ele.	Temos certeza de que os negros falharam no ambiente pré-mortal.

As vinhetas a seguir ilustram como a influência dessas “pseudodoutrinas” permitiu que preconceitos se infiltrassem em nossa prática religiosa, por vezes violando princípios básicos do evangelho de Jesus Cristo. Aliás, essas histórias representam um número muito pequeno de raras experiências negativas que tive na vida, e não as menciono para reclamar, mas sim para exemplificar como a interseção entre racismo e religião pode facilmente perpetuar estereótipos e comportamentos negativos, apesar dos nobres desejos de retidão das pessoas.

Vinheta nº 1 - Desumanização

Como a maioria dos membros de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, meus pais e eu também nos regozijamos com o anúncio da Revelação sobre o Sacerdócio de 1978. Eu esperava ser considerado “igual” aos meus colegas na Igreja em todos os aspectos. Infelizmente, alguns meses depois, descobri que a influência duradoura dessas pseudodoutrinas seria difícil de eliminar.

³ Ezequiel 18:20

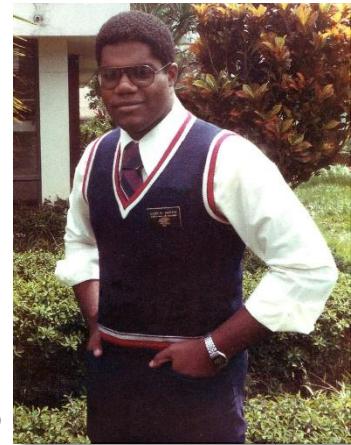
⁴ Doutrina e Convênios 18:10

⁵ Doutrina e Convênios 112:1

⁶ Abraão 2:9

⁷ 2 Néfi 26:33

Um incidente ocorreu durante meu serviço como missionário de tempo integral na Missão Brasil São Paulo Norte, em 16 de dezembro de 1978. Minha zona missionária estava desfrutando de um almoço de Natal antecipado com nosso presidente de missão e sua esposa em uma cidade no sudoeste do Brasil. Como parte do programa, tínhamos uma atividade chamada “amigo oculto”, na qual levávamos presentes para outro missionário que nos havia sido designado por sorteio. E revelávamos a identidade do nosso “amigo oculto” imitando-o. Alguns minutos após o início da atividade, um dos Élderes, um brasileiro do sul, levantou-se, pegou uma banana, descascou-a e começou a comê-la imitando um macaco. Todos os Élderes e Irmãs na sala imediatamente riram e gritaram: *“Élder Martins! É o Élder Martins!”* Inclinei a cabeça, olhando para o meu prato por um momento, e murmurei: *“Não sou eu ...”*, mas um dos Élderes sentado do outro lado da mesa, outro brasileiro do sul, afirmou: *“Claro que é você! Vá pegar seu presente.”* Hesitei por mais alguns segundos, depois levantei-me lentamente e fui até a frente da sala. O que eu deveria fazer? Bater no cara? Cuspir na cara dele? Não... O “show” tinha que continuar, e instintivamente eu sabia que seria ruim reforçar o estereótipo do “negro raivoso”, então simplesmente aceitei o presente e chamei meu próprio “amigo oculto” sem fazer nenhuma imitação.



Os pensamentos que me passaram pela cabeça naquele momento, há 40 anos, já se perderam no esquecimento. Surpreendentemente, nem sequer registrei esse incidente no meu diário. Talvez a dor me tenha impedido de escrevê-lo. Mas dessa experiência saí com duas percepções que, infelizmente, exemplificam a natureza e as consequências típicas de tais incidentes na vida de membros negros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Primeiro, meus colegas da Igreja naquele grupo não me consideravam seu “igual”, apesar da recente revelação e da minha subsequente ordenação como Élder. Segundo, eu não podia contar com meu líder do sacerdócio, naquele caso meu presidente de missão, para mudar essa situação. Naquele almoço, ele não disse nada. Eu esperava que ele dissesse algo em minha defesa, mas ele não disse. Ele e sua esposa simplesmente ficaram sentados em silêncio. E, oh, a suprema ironia ...! Trinta e três anos depois, daquele grupo de missionários, eu seria o escolhido para estar entre seus sucessores como presidente daquela missão.

Mas a dúvida permanece. Poderia aquele evento em dezembro de 1978 ser um prenúncio do que estava por vir? Quanto tempo levaria para que os membros da Igreja em geral deixassem de lado os resquícios do preconceito racial — especialmente quando, durante um século, esses resquícios foram amplamente aceitos como ensinamentos inspirados?

Vinheta nº 2 - Preconceito

Em certa ocasião, por volta de 1995, quando eu era professor em tempo parcial em uma universidade ligada à Igreja, um administrador sugeriu-me (indiretamente e discretamente, num encontro casual no campus) que eu não poderia ser professor em tempo integral ali porque minha esposa era branca.

O quê ...? Lecionar naquela grande universidade por alguns anos mortais e imperfeitos me custaria meu precioso selamento com aquele anjo que Deus colocou em minha vida para me refinar, me aperfeiçoar e um dia me glorificar eternamente? Nem hesitei antes de saber a resposta.

Por favor, não me interpretem mal. Não estou reclamando, nem expondo queixas. Minha intenção é demonstrar como os preconceitos que prevalecem na sociedade podem facilmente se infiltrar em nossa vida religiosa e como a influência duradoura das pseudodoutrinas que apoiaram a proibição do sacerdócio funciona como um “tapete de boas-vindas” para tais preconceitos.

Ao relembrarmos experiências como essas, percebemos três tipos de respostas às questões raciais, e essas respostas não são exclusivas dos Santos dos Últimos Dias:

- Em primeiro lugar, vemos aqueles que, consciente ou inconscientemente, se apegam a atitudes e crenças racistas seculares.
- Em segundo lugar, há aqueles que presenciam atos racistas e simplesmente os descartam como inócuos — meramente ações ou comentários engraçados ou acidentais que não têm a intenção de ferir, e que as pessoas visadas deveriam “deixar isso para lá”.
- Em terceiro lugar, vemos aqueles que são os alvos pretendidos de comentários depreciativos e ações desrespeitosas, que continuam dizendo: “*Como posso deixar esse lixo para lá, enquanto as pessoas continuam jogando-o na minha cara repetidamente?*”

Hoje, não culpo ninguém. Tenho um coração misericordioso que resiste a guardar rancor. Ainda assim, reconheço eventos significativos sempre que acontecem. E é por isso que, quando o irmão Burnell Hunt me pediu um abraço no Tabernáculo de Salt Lake, pensei imediatamente: “*Isso é muito significativo!*”

Mas, independentemente da natureza das minhas experiências pessoais, a Revelação sobre o Sacerdócio de 1978 exige que reconheçamos dois aspectos inevitáveis da vida em qualquer tradição religiosa na Terra: a humanidade do povo e a humanidade dos profetas.

A Humanidade do Povo

No Livro de Mórmon, lemos a declaração de um anjo de que “... o homem natural é inimigo de Deus ... e sê-lo-á para sempre; a não ser que ceda ao influxo do Santo Espírito⁸”.

Ao longo da história do mundo, o racismo e o preconceito têm sido forças poderosas e generalizadas. Em certos momentos, o preconceito racial chegou a ser aceito como algo normal e parte integrante da experiência humana. E pode muito bem continuar a existir enquanto houver ideologias racistas que justifiquem e reforcem esses sentimentos básicos de orgulho e superioridade racial, e líderes nacionais que os utilizem para fins egoístas.

O racismo é absurdo. Recordando sua infância, a célebre escritora Maya Angelou disse, em tom de brincadeira, que o racismo era tão presente em sua cidade natal que “um negro não podia comprar sorvete de baunilha⁹”. Até a década de 1960, um homem negro idoso ainda podia ser chamado de “garoto” até mesmo por adolescentes brancos.

É muito provável que o racismo continue a existir até que as condições do Milênio elevem a humanidade a um estado “terrestrial” ou “paradisíaco” mais refinado, onde o conhecimento do Senhor permeie o mundo e ponha fim a toda inimizade¹⁰. Tudo o que posso fazer é contribuir, aspirando e me esforçando para antecipar essa condição em minha própria mente.

Durante os anos da proibição da ordenação de negros ao sacerdócio, as pessoas viviam em um ambiente marcado por uma negação constante de respeito e valor para com os negros, e seria preciso um milagre para que alguém de repente passasse a acreditar na plena igualdade. As pseudodoutrinas criadas para justificar a proibição do sacerdócio, e a forma como foram amplamente aceitas como verdades divinas, foram tão duradouras quanto o próprio racismo.

Nas escrituras dos Santos dos Últimos Dias, aprendemos que Deus ordenou às pessoas em todas as épocas “... que se amassem uns aos outros e que o escolhessem [a ele], seu Pai ...”, mas, rejeitando as verdades divinas, elas se tornaram “... sem afeição e [odiavam] seu próprio sangue¹¹” e, como resultado, o preconceito, o racismo e a escravidão estiveram presentes no mundo quase que desde o princípio.

Devido a essas condições, durante milênios, raças inteiras — negros, brancos e outros — experimentaram em certa medida algumas das tribulações que o próprio Senhor Jesus Cristo sofreria em maior magnitude durante seu ministério mortal, e essas raças

⁸ Mosias 3:19; alterado

⁹ Angelou, “I Know Why the Caged Bird Sings” (“Eu Sei Porque o Pássaro Engaiolado Canta”)

¹⁰ Isaías 11:9; Doutrina e Convênios 101:26 – De acordo com as escrituras e crenças dos santos dos últimos dias, após a Segunda Vinda do Senhor Jesus Cristo, a Terra desfrutará deste estado “terrestrial” ou “paradisíaco” mais refinado por 1.000 anos (Regras de Fé 1:10).

¹¹ Moisés 7:33; colchetes adicionados

foram “...desprezadas e rejeitadas pelos homens; [tornando-se pessoas] de dores e familiarizadas com o padecimento ...¹²”.

De fato, pode-se estabelecer um paralelo entre os epítetos usados contra o Salvador e as expressões modernas usadas para se referir aos Santos dos Últimos Dias negros:

Negros	O Salvador
Menos Valente; Amaldiçoado	Pecador ¹³
Descendente de Caim	Parceiro de Belzebu ¹⁴

Sob essa luz, alegro-me pelo fato de que, como muitos outros santos dos últimos dias negros, também tive a honra de seguir os passos de Cristo em experiências muito menores, mas ainda semelhantes. E como a palavra divina na revelação moderna declarou: “O Filho do Homem desceu abaixo de todas elas. És tu maior do que ele?¹⁵”

A Humanidade dos Profetas

A humanidade dos profetas é um tema que raramente levamos em consideração. Mas os 126 anos de história da proibição da ordenação de negros ao sacerdócio na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e a crença associada em uma maldição milenar de Caim que recai sobre pessoas com ascendência africana negra, nos obrigam a considerar essa humanidade dos profetas no início do século 21.

Honro e testifico sobre o chamado divino de todos os profetas desta dispensação dos últimos dias. Mas também devo reconhecer a humanidade desses profetas. Profetas são pessoas comuns, embora, em virtude de seu chamado, muitas vezes tendamos a vê-los como seres “supra-humanos” ou acima e além do alcance das forças sociais.

Por que esperaríamos que eles fossem diferentes de nós? Como poderiam estar isentos de sua própria humanidade? Eles viviam e respiravam o ambiente social ao seu redor. Em momentos de lucidez divinamente inspirada, eles podiam, como o apóstolo Pedro, entrar na casa de um gentio para pregar e batizar, após serem guiados a fazê-lo por uma manifestação celestial. Mas isso não o impediu de evitar socializar com gentios quando estava na presença de outros judeus — uma atitude que levou o apóstolo Paulo a criticar Pedro¹⁶.

Como eu poderia esperar que Joseph Smith, Brigham Young, John Taylor, Wilford Woodruff, Lorenzo Snow, Joseph F. Smith — homens brancos do século 19, que outrora viram a escravidão ser a lei vigente — desenvolvessem repentinamente e magicamente a mesma consciência social de um ativista dos direitos civis do final do século 20? Não podemos julgar as ações e decisões desses líderes do século 19

¹² Isaías 53:3; colchetes adicionados

¹³ João 9:24

¹⁴ Marcos 3:22

¹⁵ Doutrina e Convênios 122:8

¹⁶ Bíblia - Gálatas 2:11-13

usando os padrões sociais do século 21. Acredito que agiram de boa-fé — ainda que, como mencionei anteriormente, tenha sido boa-fé em uma doutrina ruim.

Pessoalmente, tento imaginar seus sucessores no século 20 lidando com essa questão. Como profetas, sem dúvida, no fundo, a centelha da inspiração divina deve ter gerado neles alguma dúvida sobre a proibição e suas pseudodoutrinas associadas. Mas acabar com essa política sem renegar tradições sociais antigas, aparentemente inabaláveis e difundidas, e sem criticar os líderes do passado, talvez tenha se provado um desafio grande demais.

Assim, em 1º de junho de 1978, segundo alguns de seus testemunhos, os céus se abriram e o poder divino quebrou as correntes e queimou a lama dos preconceitos predominantes misturados às escrituras. Aquela revelação proveu uma poderosa lição invisível para o futuro: não se pode prestar homenagem ao passado usando como moeda de troca a dignidade alheia no presente.

[A Revelação de 1978] proveu uma poderosa lição invisível para o futuro:

Não se pode prestar homenagem ao passado usando como moeda de troca a dignidade alheia no presente.

Enfrentando com Fé e com o Poder da Doutrina

Quais seriam algumas das outras lições para as futuras gerações após o fim da proibição da ordenação de negros ao sacerdócio? Em primeiro lugar, estaria a importância da convicção, ou seja, da posse de um testemunho, e da confiança em uma fé firme em Deus.

Mas eu também acrescentaria a necessidade de maior atenção à precisão doutrinária, para que a fé pessoal possa ser fortalecida. No trigésimo aniversário da revelação, compartilhei algumas reflexões sobre isso, algumas das quais repito¹⁷ aqui:

Preocupação com a Precisão Doutrinária

Uma das consequências da Revelação de 1978 foi uma ênfase maior na precisão doutrinária. Este é um dos desafios para A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias no início do século 21. A Igreja — ou qualquer pessoa, aliás — não tem controle sobre o fluxo de informações no ciberespaço. Qualquer pessoa pode se tornar um “oficial informal de relações públicas” criando páginas na internet e blogs, sem qualquer supervisão da Igreja.

Agora compreendemos, mais do que nunca, a responsabilidade que cada membro da Igreja tem de estudar cuidadosamente as escrituras e as palavras dos profetas vivos, para que possamos fazer declarações precisas sobre nossas crenças. E observem minha ênfase nas “palavras dos profetas vivos”. É fácil usar ferramentas online para encontrar citações do passado. Mas devemos comparar essas palavras com os ensinamentos do presente. Não importa o que Brigham Young, John Taylor ou

¹⁷ As duas seções seguintes incluem trechos de [Trinta Anos Após o 'Dia Há Muito Prometido': Reflexões e Expectativas](#) - Palestra no Instituto de Religião de Orem, Utah - 29 de fevereiro de 2008 - Disponível online.

qualquer outro profeta do século 19 pensava sobre este ou aquele grupo racial ou nacionalidade. Devemos perguntar: “Algum dos profetas e apóstolos de hoje diria as mesmas palavras que encontrei online?” Para nós, o que mais importa é o que os profetas e apóstolos vivos ensinam sobre nossa condição e valor como filhos de Deus.

Para aqueles envolvidos na produção de materiais curriculares, surge um novo desafio: fornecer aos Santos dos Últimos Dias as ferramentas necessárias para estudar a doutrina com sabedoria, minimizando a probabilidade de interpretações equivocadas em âmbito local e global. Isso é particularmente significativo e necessário em uma era na qual testemunhamos, mais uma vez, o ressurgimento do extremismo no mundo, frequentemente alimentado por crenças religiosas mal interpretadas.

O Poder da Doutrina no Fortalecimento da Fé

A vitalidade do mormonismo provém de suas doutrinas extraordinárias, ordenanças e das bênçãos, privilégios e promessas contidas na mensagem do evangelho restaurado de Jesus Cristo. Subestimar qualquer um desses aspectos poderia comprometer a vida da Igreja. Figurativamente falando, é o bosque sagrado que atrai conversos vitalícios e não o carrinho de mão dos pioneiros. Embora o carrinho de mão seja o símbolo de um êxodo baseado na fé, essa fé teve início como resultado da visitação celestial que ocorreu no bosque sagrado.

**Mesmo com restrições,
a doutrina pura ainda
atrai e sustenta a fé
daqueles que amam a
Deus e buscam suas
bênçãos eternas.**

Chamar alguém de “amaldiçoado” não é uma demonstração de amor, e aqueles que se uniram à Igreja e permaneceram ativos o fizeram por sua fé e amor a Deus, e por sua esperança de que a doutrina pura do evangelho restaurado de Jesus Cristo incluisse a promessa de um lugar celestial reservado para eles. As experiências desses pioneiros negros mostram o poder notável e duradouro das doutrinas do evangelho

restaurado de Jesus Cristo. Mesmo com restrições, a doutrina pura ainda atrai e sustenta a fé daqueles que amam a Deus e buscam suas bênçãos eternas.

A grande Revelação sobre o Sacerdócio, recebida em 1º de junho de 1978, atesta que, em sua essência, a religião que professamos é primordialmente uma religião de bênçãos, não de maldições. Uma religião não baseada em preconceito e segregação, mas em princípios de retidão, ordenanças e convênios disponíveis para toda a humanidade.

A Revelação de 1978 também reafirmou a verdade dita pelo Apóstolo Pedro: “... Deus não faz acepção de pessoas; Mas ... é aceito por ele aquele que, em qualquer nação, o teme e

**[A Revelação de 1978]
atesta que ... [nossa]
religião ... é
primordialmente
uma religião
bênçãos, não de
maldições ... [e
baseada em] princípios
de retidão,
ordenanças e
convênios
disponíveis para
toda a humanidade.**

faz o que é justo.¹⁸ Essa revelação implica fortemente que aqueles que insistem em manter preconceitos contra outros de raça diferente estão, como os antigos Lamanitas antes de sua conversão, “... em trevas, sim, no mais tenebroso abismo ...¹⁹”, mas ainda assim podem, uma vez iluminados pelo Espírito do Senhor, “... abandonar ... seu ódio e a tradição de seus pais.²⁰”

Do Passado para o Futuro

Ao refletir sobre o 40º aniversário da Revelação sobre o Sacerdócio de 1978, outra lembrança que frequentemente me vem à mente é a da minha última visita, há mais de 30 anos, ao irmão Lourival Freire, um ex-bispo no Rio de Janeiro. Havíamos nos conhecido uma década antes, quando, aos 15 anos, fui um discursante convidado em sua ala. Poucos dias antes de seu falecimento, visitei o irmão Freire em um hospital. Era uma tarde de domingo, e muitos irmãos de sua estaca estavam naquele quarto visitando-o. Ele já não conseguia falar e se comunicava conosco apenas por escrito. Todos nós éramos sumos sacerdotes, mas antes de eu ir embora, ele me pediu — eu tinha então 26 anos — que impusesse as mãos sobre sua cabeça e pronunciasse uma bênção do sacerdócio. Cerca de uma década antes, ele havia me conhecido como um adolescente sem o sacerdócio. Agora, despedindo-se de mim como um companheiro sumo sacerdote, ele me concedeu a honra de pronunciar uma das últimas bênçãos do sacerdócio que receberia na mortalidade. Foi um momento emocionante, em que ambos ficamos com os olhos marejados.

Encontro nos dois eventos que mencionei aqui — o abraço do irmão Hunt no Tabernáculo repleto de rostos brancos e a bênção do irmão Freire em uma sala cheia de outros rostos brancos — minha esperança para o futuro como homem negro em Sião: que em breve essas duas boas experiências que tive se tornem emblemáticas da experiência negra mórmon como um todo: santos dos últimos dias negros cuja presença aprimora e abençoa o discipulado dos santos dos últimos dias brancos em Cristo.



Olhando em retrospectiva, posso interpretar meu chamado para presidir aquela mesma missão na qual, em certo momento, minha dignidade não foi defendida, como uma mensagem do Senhor para mim, dizendo: “Tu és meu Filho... [Eu] te gerei²¹ [em ambientes de glória]” e “Eu, o Senhor, ... me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e em

¹⁸ Atos 10:34-35

¹⁹ Alma 26:3

²⁰ Helamã 5:51

²¹ Bíblia - Salmos 2:7; alterado

verdade...²²". Se alguns dos meus colegas²³ me negaram respeito, ao longo dos anos o Senhor me recompensou amplamente por isso.

Então, depois de ser considerado amaldiçoado e "menos valente", e após quatro décadas desde a negação tácita da maldição, continuo sendo um homem negro e mórmon. E estou feliz — e orgulhoso — de ser ambos.

Concluo com as palavras de um grande missionário e profeta do Livro de Mórmon, Amon, que foi capaz de pregar o evangelho com um amor que transcendia as diferenças raciais. Ao celebrarmos a Revelação sobre o Sacerdócio de 1978, recordo e faço minhas as palavras de Amon, pois elas descrevem perfeitamente os sentimentos que tenho em meu coração:

"Agora ... vemos que Deus se lembra de todos os povos, estejam na terra em que estiverem; sim, ele conta o seu povo e suas entradas de misericórdia cobrem toda a Terra. ...

"Ora, não temos nós motivos para nos regozijar? Sim, eu vos digo, jamais [existiram homens e mulheres] que tivessem tanto motivo para se alegrar como nós ... e a minha alegria transborda, a ponto de me gloriar no meu Deus; porque ele tem todo o poder, toda a sabedoria e todo o entendimento; ele comprehende todas as coisas, e ele é um Ser misericordioso, [até a] salvação daqueles que se arrependem e creem no seu nome.

"Ora, se isso é vangloriar-se, eu então me vanglorio; porque isso é minha vida e minha luz, meu júbilo, minha salvação e minha redenção da eterna angústia.

"Sim, bendito seja o nome do meu Deus, que se lembrou deste povo, que é [agora restaurado como] um ramo da árvore de Israel ... sim, eu digo, bendito seja o nome do meu Deus, que se lembrou de nós ... Agora, esta é a minha alegria e a minha grande gratidão; sim, e darei graças ao meu Deus para sempre.²⁴"

Marcus Helvécio Martins é sociólogo, professor emérito e ex-decano de educação religiosa na Brigham Young University-Hawaii. Ele escreveu dois livros: "Setting the Record Straight: Blacks and the Mormon Priesthood" e "The Priesthood: Earthly Symbols and Heavenly Realities". Fez palestras em conferências e eventos nos Estados Unidos (onde reside desde 1990), Brasil, China, Inglaterra, Hong Kong, Japão, Malásia, Ilhas Marshall, Portugal, Qatar e Singapura. O irmão Martins filiou-se à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em 1972 e tornou-se o primeiro santo dos últimos dias com ascendência negra africana a servir missão de tempo integral após a Revelação de 1978. Ele serviu duas vezes como bispo, sete vezes como sumo conselheiro da estaca, três vezes como oficiante do templo, tradutor do Livro de Mórmon e presidente da Missão Brasil São Paulo Norte com sua esposa, Mirian Abelin Barbosa. O casal tem quatro filhos e oito netos.

²² Doutrina e Convênios 76:5

²³ Felizmente, apenas um grupo relativamente pequeno deles.

²⁴ Alma 26:35-37; colchetes adicionados